



O Critério do Humano

Maria Ragalzi Ferraz¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral realizar uma reflexão acerca do homem e suas inquietações existenciais, enquanto a maioria sobrevive, tem uma vaga consciência da futilidade de seus esforços. Embora tenha criado maneiras novas e melhores para dominar a natureza, perdeu de vista o fim que lhe dá significado – o próprio homem. Com todo seu conhecimento inovador a respeito da matéria, ele ignora o que se prende as questões mais importantes e fundamentais da existência humana: o que é o homem, como deve viver e como direcionar energias que há dentro dele e como usá-las produtivamente.

Palavras-chave: ser humano; critério ético do humano; Ontopsicologia.

The Human Criteria

Abstract: This work has as main objective to make a reflection about the man and his concerns existenciais. While most survives, has a vague awareness of the futility of their efforts. Although it has created new and better ways to master nature, he lost sight of the end that gives it meaning – the man himself. With all its innovative knowledge on the matter, it ignores what is related to the most important and fundamental questions of human existence: what is man, how to live and how to direct energies within him and use them productively.

Keywords: human being; etic critery of human; Ontopsychology.

¹ragalzimaria@yahoo.com.br

1 Introdução

Considerando a existência uma incógnita para o ser humano e fazendo uso dos conhecimentos e conteúdos estudados nas disciplinas² do primeiro módulo do Bacharelado em Ontopsicologia, com o critério da vida, sentimo-nos responsabilizados e ousados ao tecer algumas reflexões acerca das questões fundamentais do viver.

Este artigo tem a finalidade de inquietar, muito mais do que tranquilizar o leitor. A vida é relativa porque nos é dada e também retirada, mas uma vez que se é, como existir? Como responder às questões que dizem respeito às escolhas e ao destino de todo homem?

Dentro dessas premissas, entendemos que a busca está em encontrar aquele ponto de segurança que nos deve servir quando, no nosso dia-a-dia, devemos decidir como viver em vantagem própria.

Citaremos alguns autores que procuraram com amor e humildade desvendar quem é o ser humano lá na sua raiz, na sua origem.

Não só a medicina, a engenharia e a pintura, contudo são artes, viver é em si mesma uma arte, com efeito, a mais importante e, ao mesmo tempo, a mais difícil e mais complexa arte praticada pelo homem. Seu objetivo não é este ou aquele trabalho especializado, e sim o trabalho de viver, o processo da gente se tornar aquilo que é potencialmente (FROMM, 1983, p. 25).

2 Fundamentação Teórica

2.1 O homem irresoluto

A constatação que cada um pode fazer é que, observando o homem, resulta irresoluto, incompreendido, um motor de dúvidas e um expositor de conflitos. Existem muitas religiões, muitas tradições, muita certeza, muitos absolutos, e por esses absolutos ainda hoje se faz guerra, racismo e culpa sobre os outros. Mas o homem, como humanidade, não alcança o ponto de encontro. Além disso, esse homem vive os próprios medos, as próprias frustrações e a própria ignorância, não compreende a si mesmo e as coisas em torno: caminha sem conhecer a estrada e a direção.

Analisando o homem na sua globalidade, resulta necessitado de cura, e que o faça através da política, da medicina ou da jurisprudência é indiferente. Além do mais,

² Disciplinas do Primeiro Módulo: Filosofia; Lógica; Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Ontopsicologia I; Fundamentos Filológicos e Linguísticos; Seminários Avançados de Leitura de Textos Filosóficos. Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti, AMF.

se é deixado livre, resulta verdadeiro aquilo que dizia Hobbes: “cada homem é lobo contra outro homem”, *homo homini lupus*.

Constata-se, portanto, a doença de ser homem. Por outro lado, as religiões também afirmam que o homem deve ser santificado, libertado e salvo, porque está em pecado tem necessidade de misericórdia e de salvação. Fala-se de um “homem irresoluto, incompleto, desconhecido e culpado” (MENEGHETTI, 2010, p. 116).

Cada um tem um percurso a realizar durante a existência. Se observarmos as plantas e os animais, veremos que cada um vive bem o próprio percurso, dentro de seu estilo e projeto próprios. O homem ao contrário, não sabe quem é e nem para onde ir. Experimenta uma esquizofrenia existencial, a falta de identidade própria, a falta daquele ponto que sustenta o ser humano, que dá direção, que dá início ao pensar, ao saber, ao agir.

Se fizermos uma análise religiosa, histórica, social, afetiva e de relação, será que encontraremos algum ponto em comum?

A análise religiosa nos traz o seguinte cenário: cada religião defende seu ponto de vista sem jamais chegar a um acordo com as outras. Na análise histórica; o homem ainda é uma espécie em evolução, por isso vive em luta e contradição: anjo e o diabo, instinto e razão, e assim por diante. Segundo a análise social, cada povo difere do outro na sua origem, cultura, forma, cor, classe social e por isso não conseguem ter paz. Segundo a análise afetiva e de relação: cada um é conforme sua referência de valor, aquilo que ama – família, parceiro, amigos, aquilo que foi ensinado a escolher desde a infância. De fato, nessa multiplicidade de análises o problema permanece. A humanidade não tem uma identidade própria, não é unida. E diante dessa multiplicidade de identidades, o desequilíbrio é determinante.

2.2 O homem para os existencialistas

O Existencialismo é uma das escolas que partilhavam da crença que o pensamento filosófico começa com o sujeito humano, não apenas o sujeito pensante, mas as suas ações, sentimentos e sua vivência. O ponto de partida se dá na atitude existencial, ou uma sensação de desorientação e confusão face a um mundo a princípio sem sentido e absurdo.

Soren Kierkegaard, filósofo considerado o pai do Existencialismo, sustentava a ideia que o indivíduo é o único responsável em dar significado à sua vida e em vivê-la

de maneira sincera e apaixonada, apesar dos muitos obstáculos como o desespero, a ansiedade, o absurdo, a alienação e o tédio. Pertencente ao século XIX e XX, traz elementos encontrados no pensamento e vida de Sócrates, Santo Agostinho e outros.

O Existencialismo é inspirado nas obras de Arthur Schopenhauer, Soren Kierkegaard, Fiódor Dostoiévski e nos filósofos alemães Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl e Martin Heidegger, popularizado pelas obras do escritor e filósofo Frances Jean Paul Sartre e de sua companheira, escritora e filósofa Simone de Beauvoir. Os mais importantes princípios estão expostos no livro de Jean Paul Sartre intitulado “*O existencialismo é um humanismo*”, publicado originalmente em 1946.

A existência humana, em toda a sua natureza, é questionada: quem somos? O que fazemos? Para onde vamos? Quem nos move? É esta consciência de abandono e solidão, que se manifesta nas principais obras desta corrente.

O Existencialismo afirma a prioridade da existência sobre a essência, segundo a célebre frase de Jean Paul Sartre: “A existência precede e governa a essência”. É um dos princípios fundamentais do Existencialismo. O indivíduo, no princípio, somente tem a existência comprovada. Com o passar do tempo ele incorpora a essência em seu ser. Não existe uma essência pré-determinada. Com esta frase os existencialistas rejeitam a ideia de que há no ser humano uma alma imutável, desde os primórdios à morte. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente é nada, “só depois será, e será tal como a si próprio se fizer” (SARTRE, 1946).

Com essa afirmação vemos o peso da responsabilidade por sermos totalmente livres. E frente a essa liberdade, o ser humano se angustia, pois, a liberdade implica fazer escolhas, as quais só o indivíduo pode fazer. Muitos de nós ficamos paralisados e, dessa forma, nos abtemos de fazer as escolhas. Porém, a não ação, o nada fazer, por si só, já é uma escolha, a escolha de não agir, de adiar a existência evitando riscos, a fim de não errar e gerar culpa, é uma tônica na sociedade contemporânea. Arriscar-se, procurar a autenticidade, é uma tarefa árdua, uma jornada pessoal que a pessoa deve empreender em busca de si mesma.

Os existencialistas perguntaram-se se havia um Criador. Se sim, qual é a relação entre a espécie humana e esse Criador? As leis da natureza já foram pré-definidas e os homens tem que se adaptar a elas?

O filosofar heideggeriano é uma constante interrogação: a questão sobre o ser, a grande inquietação humana. Heidegger segue o caminho pela procura de renovar a temática do Ser na Filosofia ocidental. Entretanto, ele constata que nunca o pensamento ocidental conseguiu resolver a questão sobre o Ser.

2.3 Husserl e sua reflexão

Edmund Husserl, através de sua reflexão crítica sobre as ciências, na conferência realizada em Praga em 1935, fala da crise das ciências. Admitiu que pela via das ciências exatas, a impossibilidade de tomar como tema a alma no seu sentido mais próprio, o eu que age e padece. Era preciso encontrar a mediação ontológica, onde eu falo como Em Si, ou ser, ou sofremos o fracasso existencial.

Husserl afirma que somente a psicologia pode encontrar o caminho ao mundo-da-vida. Naturalmente, é necessário superar as diversas *epochès*, os diversos estados de consciência. O que minha consciência pensa é fenomenologia, não é verdade. São espelhos que refletem as partes do meu existir, mas eu sei que sou mais. A minha consciência é um console de espelhos que dá direções, mas não é meu real (MENEGETTI, 2010).

Husserl alertava para o fato de que a ciência deveria ser capaz de entrar no mundo-da-vida, ultrapassar o universo da fenomenologia e chegar as suas causas fundantes. Buscava-se uma nova visão, uma nova metodologia, que unisse a ontologia à psicologia, o sentido da realidade da vida e o modo de conhecer da consciência humana. Sutich sugeriu o nome “Ontopsicologia” (MENEGETTI, 2010).

2.4 O nascimento da Ontopsicologia e descoberta do Em Si ôntico

Dessa crise nasce e desponta a visão ontopsicológica na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma, Itália, com Antonio Meneghetti, no período de 1960-1970.

Jamais pensei em inventar uma ciência nova. Compreendi que havia descoberto uma estrada nova no decênio em que me empenhei na prática clínica. Inicialmente procurava explicar o sintoma com o sistema de Jung, com o sistema de Skinner, com o sistema de Binswanger, etc., mas não coincidia: havia descoberto outro instrumento. Em tudo isso não há nada de miraculoso ou parapsíquico: é método racional em relação ao qual é suficiente preparar-se. Os psicólogos verdadeiramente capazes que trabalham em muitas partes do mundo com a Ontopsicologia confirmaram que é método. Quem quer que conheça e aplique com exatidão a teoria e a

metodologia ontopsicológica está em condições de operar a cura e a evolução do cliente (MENEGETTI, 2010, p.).

Segundo Meneghetti (2004, p. 19), o termo Ontopsicologia deriva de três palavras gregas:

- “*onto*”: genitivo do particípio presente do verbo ser;
- “*logos*”: estudo;
- “*psique*”: alma; e significa o estudo do princípio, o fundamento primeiro da atividade psíquica.

Atividade psíquica entende-se a causa do fenômeno, a base do movimento, a lógica invisível que move aquele comportamento manifesto.

Iniciando a cura do ser humano e procurando um princípio curativo – o critério que pudesse dar a direção da vida, Antonio Meneghetti descobre que no inconsciente existia um princípio, um núcleo positivo, que dá origem a toda e qualquer realidade humana.

Esse princípio é o Em Si ôntico. O Em Si ôntico é um “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (MENEGETTI, 2010, p. 157), o projeto-base de natureza que constitui o ser humano. “Projeto” etimologicamente significa o *a priori*, o premeditado, o pré-pensado, o pré-lançado para, uma forma para. Projeto vem do latim *pro-iectum*, *pro-icio*: pré-lançar, pró-lançar (o “pré” deve ser colocado antes e depois; deveríamos dizer *proiectum pro*), portanto, “exposto para”.

O projeto é um princípio com faculdade de individuar, especificar e metabolizar tudo o que lhe é próprio no âmbito do real, por isso torna-se real e faz evolução segundo uma sua precisa forma a partir do princípio (MENEGETTI, 2013).

A Ontopsicologia descobriu como o Em Si ôntico é feito, como age, se comporta e quais as regras que resulta em ordem ou desordem para o humano.

Retomando a definição de Em Si ôntico: “*Princípio formal inteligente que faz autóctise histórica*” (MENEGETTI, 2010, p. 157), com a primeira metade da definição estamos na metafísica. *É um princípio*: eu sou (existe, é um formalizado que, porém, também formaliza, é um passivo que também é ativo). *Formal*: tenho um design, sou de certo modo, sou especificado para uma função. *Inteligente*: sou capaz de evidenciar o íntimo que é. *É inteligente* enquanto é capaz de evidenciar que é. Colhe o real do íntimo de si mesmo, permanecendo íntimo. “É a ecceidade permanente

no interior de qualquer compreensão. O indivíduo pode identificar a evidência do outro permanecendo na própria evidência” (MENEGHETTI, 2010, p. 158).

Com a parte da definição que diz: “*que faz autóctise histórica*”, entramos no aspecto do devir existencial. Autóctise: deriva da fusão de duas palavras gregas *auto* e *ktizo* que significa = autoconstrução, eu me coloco, eu me posiciono, constituição de si mesmo na existência. Histórico: eu indago, eu busco, eu exploro, eu observo. É o processo histórico de escolhas existenciais que determinam a resultante da evolução e da situação pessoal do indivíduo. A vida é um escorrer contínuo, sem paradas, na qual o indivíduo se manifesta, aparece em um momento com um escopo bem determinado. Este é o momento da passagem criativa, enquanto o Em Si ôntico se volta para fora, se faz projetante (MENEGHETTI, 2010).

Para compreender como o homem é feito, Antonio Meneghetti aplicou dois critérios metodológicos: 1) identidade e 2) funcionalidade utilitarista. Identidade significa aquilo que o ser humano é neste lugar, o modo que o ser é aqui (MENEGHETTI, 2012). Útil é tudo aquilo que me serve em determinado momento, funcionalidade significa aquilo que me traz vantagem, me agrega naquele momento.

A Ontopsicologia diferencia-se das demais Ciências Humanistas ao ter individuado, descrito e aplicado o critério de natureza, ou Em Si ôntico, que é a radicalidade da atividade psíquica que constitui o ser humano. Segundo Meneghetti (2008, p. 21), “o homem é capaz de autorrealização quando a sua ação é conforme ao próprio Em Si ôntico”.

A Ontopsicologia descobriu o critério de como a natureza funciona dentro do homem. Critério é a base para julgar, para distinguir, para fazer confrontos; o ponto ou a medida para fazer o igual.

Os critérios para fundar qualquer ciência são de dois gêneros: o critério convencional (opinião) e o critério de natureza.

O critério *convencional* é aquele que responde à intencionalidade do grupo. Não se busca o real, mas o que é conforme. O critério de *natureza* procede por evidência. Evidência significa: a verdade nasce de mim que vejo, nasce do mesmo princípio através do qual se existe (MENEGHETTI, 2010).

Em um primeiro momento, descobri que esse critério – o qual era observável, legível – tornava-se extrínseco, e que, seguindo as suas indicações, levava sempre a resultados precisos: saúde, bem-estar, realização. Se esse princípio fosse esquecido, contradito ou alterado, tinha-se sempre a doença, a desordem a confusão, etc. Portanto, eu usei esse critério observando-o, lendo-

o e decodificando-o com todas as artes e estudos que eu tinha como bagagem (MENEGETTI, 2010, p. 150).

2.5 Características do Em Si ôntico

Meneghetti (2010), a partir de sua experimentação clínica e descoberta do Em Si ôntico o descreveu em 15 características, que são 15 fenomenologias do mesmo. O critério da Ciência Ontopsicologia é o Em Si ôntico, segundo as 15 fenomenologias homologadas em situação histórica, entre as quais presentes ao menos: 1) identidade (ISO), 2) utilitarismo, 3) funcionalidade. O homem escolhe, com base na sua identidade, o que é útil e funcional para si (ibid.).

A característica fundamental do Em Si ôntico é a racionalidade de encontrar, fazer e compreender as coisas segundo o critério da própria identidade físico-histórica em ambiente existencial definido (MENEGETTI, 2011, p. 144).

“Critério da própria identidade físico-histórica em ambiente existencial definido” significa que cada um de nós acontece com uma exceção bem precisa: a partir do momento em que cada um está aqui, agora e assim, conseqüentemente tem problemas e oportunidades, por isso pode escolher, organizar, ter êxito ou ser vencido (MENEGETTI, 2011, p. 145).

Através das 15 características, é possível distinguir o Em Si ôntico de uma doença, de uma distorção. De fato, qualquer doença, pode apresentar uma ou duas destas características, mas nenhuma pode mostrar de modo unitário a identidade, o utilitarismo e a funcionalidade. Identidade: do latim *id quod est ens*, significa *aquilo que o ser é aqui, assim e agora, exatamente aquilo que é*. O Em Si ôntico é a identidade de natureza do ser humano. Essa identidade, esse projeto original age, tem uma semovência através de duas modalidades: 1) escolhe aquele útil que 2) faz funcionalidade, incremento, saúde, globalidade e integralidade à identidade. O Em Si se move em conexão com as exigências da evolução atual do sujeito, portanto, a autóctise histórica é o corretor do evento (MENEGETTI, 2010).

3 Considerações Finais

Neste breve estudo pudemos constatar que a Ciência Ontopsicológica propõe, a partir de alguns de seus instrumentos de análise e intervenção, bem como de suas aplicações, a resolução da crise existencial do ser humano, e vai mais além, aborda a

cada pessoa a responsabilidade de se construir como pessoa porque cada um é um projeto de inteligência da vida humana.

Como a Ontopsicologia resolve a crise existencial do ser humano?

Possibilitando ao ser humano o reencontro da própria identidade, e a partir disto orienta o sujeito ao encontro de um sentido para sua própria existência. O sentido a que veio, ao projeto existencial de cada um.

Através do método da Ciência Ontopsicológica pode-se compreender quem se é, que características possui e como se construir com criatividade e eficiência no contexto histórico. Inteligência, é ler dentro a ação, é agir conforme a nossa identidade, por como nós somos e não por como fomos ensinados.

A sociedade entra dentro de nós com a sua cultura e, através de uma língua, de uma civilização, nos impõe regras de que isto é bom, isto é mal e nos transforma em pessoas esquematizadas, conformadas, mas, se olharmos para dentro de nós, sentiremos que algo clama sua atenção, pede para nascer e conquistar o seu lugar e construir sua própria história.

A Ciência Ontopsicológica é uma técnica de verificação da consciência, e ainda de pesquisa e de operação ao escopo do *humanitas*, “porque este planeta é maravilhoso, e nós somos os responsáveis por ele; fomos colocados aqui para fazer algo a mais, algo de belo, e isso é um fascínio que faz intencionalidade psíquica no indivíduo e na sociedade” (MENEGETTI, 2011, p. 151).

E para finalizar citaremos um trecho da *Oratio de hominis dignitate* (Discurso sobre a dignidade do homem, 1486), de Giovanni Pico Della Miranda:

“A natureza bem definida dos outros seres é refreada por leis por nós prescritas. Tu, pelo contrário, não constringido por nenhuma limitação, determiná-la-ás para ti, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo” (PICO DELLA MIRANDOLA, 1486).

Referências

FROMM, Erich. **Análise do Homem**. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

HOUAISS Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit**. Em busca da Alma. Vol. 3. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **O Em Si do Homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2004.

VIDOR, Alécio. **Filosofia Elementar**. Curitiba: IESDE, 2008.